

# A ILUSÃO DO GÊNERO EM “O TRAVESTI”, DO ESCRITOR CABO- VERDIANO FERNANDO MONTEIRO

THE ILLUSION OF GENDER IN “O TRAVESTI”,  
BY CAPE VERDEAN WRITER  
FERNANDO MONTEIRO

*Luciana Miranda Marchini<sup>1</sup>*

---

## RESUMO

A literatura ajuda a consolidar conceitos tidos como imutáveis e naturais, tais como o sexo e o gênero, ao mesmo tempo em que é palco privilegiado para a ressignificação e transformação de tais conceitos. É disto que trataremos neste artigo, a partir do conto “O Travesti”, do escritor cabo-verdiano Fernando Monteiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura de Cabo Verde; Fernando Monteiro; travesti.

## ABSTRACT

Literature helps to consolidate concepts considered immutable and natural such as sex and gender; at the same time, it is the privileged stage for the re-signification and transformation of such concepts. This is what we are going to discuss in this article, from the short story “O Travesti” by Cape Verdean writer Fernando Monteiro.

**KEYWORDS:** Cape Verdean literature; Fernando Monteiro; transvestite.

*Na roda do sexo* é um livro composto por doze contos de autoria do jornalista, cronista e escritor Fernando Monteiro, publicado em 2009 pela Saco Edições (Praia, Cabo Verde). O autor nasceu em 1951 e veio a falecer em 2011 na mesma cidade da Praia na Ilha de Santiago, em Cabo Verde, onde, na condição de jornalista, foi responsável pelas colunas “Jane-la Indiscreta”, no jornal *Horizonte*, na qual escrevia crônicas sobre política e cotidiano, e “Memórias na Água”, no jornal *Expresso das Ilhas*. Nesses jornais, procurava recuperar parte da memória da sua cidade natal e de seus habitantes. No âmbito literário, o escritor publicou, antes de *Na roda do sexo*, o livro de contos *Desassossego*, em 1992, pela Spleen Edições (Praia, Cabo Verde). Embora tenha sido um jornalista muito conceituado em seu país, inclusive exercendo a função de diretor de redação do jornal *Horizonte*, sua obra literária é pouco conhecida e estudada fora de sua terra natal, onde é reconhecido como “um dos poucos ficcionistas de vanguarda em Cabo Verde e do pós-modernismo cabo-verdiano” pelos temas que aborda, tais como “a loucura e o absurdo, o amor e o sexo, as transgressões ao natural, de forma inusitada, com um quê de drama e enredos bem urdidos e interessantes”, como lembra Danny Spínola (2015), presidente do conselho de administração da Sociedade Cabo-Verdiana de Autores, a SOCA.

O exercício da profissão de jornalista e cronista possibilitou a Monteiro conhecer e se inteirar da vida e dos acontecimentos não somente da capital, mas também de seu país e de seus cidadãos. Tal vivência permitiu que ele ocupasse o lugar privilegiado de observador da sociedade cabo-verdiana. Isto posto, podemos conjecturar que o olhar indiscreto e perscrutador do cronista e jornalista fomenta a imaginação do contista, ao elaborar narrativas que desconcertam o leitor na medida em que representam e encenam ações – como é próprio do discurso literário – que ressignificam e transformam conceitos tidos como naturais e imutáveis devido às suas infinitas repetições.

A ideia de que sexo e gênero são categorias fixas é um desses conceitos que a literatura ajudou a consolidar; e, por isso, ela mesma torna-se o palco privilegiado de uma encenação política que, por meio da *performatividade*, tal como proposta por Judith Butler (2003), coloca em xeque tais conceitos, subvertendo, desse modo, o imaginário falocêntrico ocidental. Em *Problemas de gênero* (2003), Butler sustenta a tese de que as categorias de sexo, gênero e sexualidade são moldadas historicamente e estabilizadas por meio da repetição de uma espécie de atos rituais. Tais atos são definidos pela autora como performativos: moldam gênero e sexualidade independentemente da escolha consciente e da vontade dos sujeitos envolvidos. Um sujeito, para poder viver e ser reconhecido socialmente como tal, deve ajustar-se aos modelos de gênero reconhecidos – homem ou mulher heterossexual. De outra forma, será considerado anormal, imoral e degenerado.

Para contrastar o paradigma heterossexual e o pensamento binário, Butler elabora a representação do *queer* – uma figura que encarna a luta

de todos os sujeitos não previstos pela ordem social. O *queer* não coincide com o homossexual, mas representa a alteridade, as formas que assume uma subjetividade precária e fluida, que refuta as definições. Por isso, o *queer* constitui uma categoria que, por razões políticas significativas, deve permanecer aberta, não podendo nunca se dizer completa nem ser descritiva, pois esta é a condição da sua eficácia política. Assim, a autora retoma o conceito de *drag* – vestir-se como o sexo oposto – para observar que este ato se torna subversivo na medida em que “reflete sobre a estrutura imitativa através da qual o gênero hegemônico se produz e coloca em discussão a pretensão heterossexual da naturalidade e originalidade” (BUTLER, 2003, p. 196). Porém, adverte Butler, nem toda paródia é subversiva, chamando a atenção para a importância do contexto no qual é realizada para que se configure como subversiva, pois o gênero é “uma identidade tenuemente constituída no tempo” (BUTLER, 2003, p. 200).

A performatividade torna-se central para a descrição que os estudos *queer* fazem do mecanismo com o qual as normas sociais agem sobre as subjetividades individuais e nas tramas da consciência coletiva. A filósofa defende que o corpo é vulnerável à linguagem, no sentido de que a linguagem, pelo seu caráter performativo, opera de modo que o corpo se torne, concomitantemente, feito e efeito, sustentado e ameaçado pela linguagem. O conceito de performatividade de Butler está assentado na ideia básica de que as palavras agem provocando ações e atuações. Em síntese, ela considera que o corpo encontra, enquanto efeito do ato de fala e do seu ritual, um lugar epistemológico (o corpo se torna inteligível através do ato de fala), um lugar ontológico (o corpo torna-se regulável) e um lugar político, tornando-se passível de legitimação e normatização.

A literatura, o texto ou a escritura, segundo Roland Barthes, é o local no qual todos os saberes são encenados, pois representa o

[...] tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ele é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ele é o teatro. (BARTHES, 2004, p. 16).

Com base nas afirmações de Barthes, podemos pensar em uma perspectiva de narrativas *queer* como um lugar de encenação de uma escritura política que, por meio da performatividade, subverte o discurso falocêntrico dominante. Pois, como observa Anselmo Peres Alós, os “textos literários são artefatos culturais, tecnologias discursivas que produzem e disseminam crenças e valores no espaço social”, e por isso é importante que subjetividades e corpos relegados à condição de abjetos usurpem o lugar da produção de capital simbólico e produzam percepções de mundo alternativas, “nas quais as possibilidades eróticas são exploradas, analisadas e redimensionadas, interferindo performativamente no espaço social” (ALÓS, 2010, p. 858).

Em *Na roda do sexo*, como atesta Mário Lugarinho (2012, p. 96), desfilam personagens com identidades de gênero que desestabilizam o sistema de masculinidades hegemônicas através de agenciamentos e subversões que, se de um lado são necessárias para que as potencialidades do desejo se manifestem, por outro permitem que os sentidos se proliferem nos interstícios de poder. Muitas personagens presentes em *Na roda do sexo* encenam, por meio da pena do contista, mutações e fragmentações identitárias que permitem a relativização e a revisão dos estereótipos proporcionados pela lógica binária heteronormativa responsáveis pela instauração de papéis sociais já predefinidos. Esta proposta da obra é inusitada, pois somente a partir das duas últimas décadas é que se verifica o aparecimento de identidades não normativas dentro do conjunto das literaturas africanas de língua portuguesa. Segundo Lugarinho (2012, p. 79), vários motivos contribuem para a invisibilidade dos portadores de tais identidades, porém deve-se salientar que a normatização dos gêneros em África foi constituída paulatinamente durante os séculos XIX e XX à maneira ocidental, e, portanto, dentro de uma ordem que desconhece os “desvios”. Todavia, se nas últimas duas décadas a expressão literária da crise da masculinidade se aprofundou, concomitantemente à emergência de uma produção literária que se constituiu a partir das identidades femininas, “o surgimento das identidades não normativas, apesar de tardiamente, se deu em consequência da discussão da mesma ordem de gênero empreendida durante o século XX” (LUGARINHO, 2012, p. 79), principalmente pelos *queer studies*.

Esse é o caso do conto “O travesti”, objeto de análise deste artigo, que se destaca em *Na roda do sexo*, livro de contos de Monteiro, sobretudo por abordar, por um viés inusitado, questões relacionadas à sexualidade e ao gênero, o que atesta a originalidade da obra e a coloca em um lugar de destaque no conjunto das letras africanas. Linda, protagonista do conto, é a personagem que desestabiliza não somente a noção de heteronormatividade, como também desconstrói a ideia de que as hierarquizações, catalogações e taxonomias institucionalizadas pelo discurso racionalista, nas quais as diferenças de gênero e sexo parecem mais rígidas e rigorosas, dão conta do fluir do desejo e das possibilidades eróticas cotidianas.

Uma breve apresentação do enredo do conto é indispensável para que sejam discutidas, logo em seguida, as questões que o tornam uma história *sui generis* entre as inúmeras produções literárias africanas.

Linda e Manu são os protagonistas da história, e o cenário é a cidade da Praia contemporânea. Em linhas gerais, o conto narra a história de Manu, um homem mulhengo, casado, pai de vários filhos e que, no bar da irmã de seu amigo Jojó, conhece Linda, a garçonete do estabelecimento. O interesse pela moça aparece a partir do momento em que tanto ele quanto o seu amigo não conseguem entrar em um acordo sobre o sexo da garçonete. Instaura-se a dúvida: para Jojó, trata-se de um ser biologicamente nascido homem; Manu advoga a tese contrária. Com a intenção de dissipar o mistério, Manu convida Linda para jantar. A moça aceita o convite,

mas não comparece. Enquanto Manu espera por ela no lugar combinado, Jojó e Linda travam uma acalorada conversa sobre a identidade sexual e de gênero desta no bar em que trabalha. Durante a conversa, Linda revela a Jojó ser um “travesti.” (MONTEIRO, 2009, p. 44). No dia seguinte ao malogrado encontro, Manu vai procurar Linda com a intenção de saber o motivo de ela não ter comparecido, e, de tanto insistir, acaba convencendo a moça a deitar-se com ele. Manu sai deste encontro com a certeza de que Linda era uma mulher, apesar das advertências do amigo Jojó, que lhe havia confidenciado toda a sua conversa com a moça. Os encontros entre os dois amantes continuam, até que a esposa legítima de Manu descobre que seu marido a está traindo com um “homem”. Indignada, põe o marido para fora de casa. Dias depois, por obra de Jojó, o casal se reconcilia; no entanto, os encontros com Linda não cessam, ao contrário: se intensificam ao ponto de Manu dar-lhe todo o dinheiro que sua irmã lhe havia confiado para uma reforma na casa. Quando a esposa de Manu descobre o paradeiro da soma, ordena que o marido vá buscar o dinheiro na casa de Linda. Sentindo-se acochado pela esposa, ele obedece, e, neste momento, Linda afirma que ele esteve enganado durante todo o tempo, pois sequer tinha sido capaz de distinguir “o buraco de um homem e o buraco de uma mulher” (MONTEIRO, 2009, p. 51), revelando assim a sua identidade: Arlindo. Enquanto ela(e) o insulta e afirma e reafirma que não devolverá o dinheiro, Manu apodera-se de um objeto não nominado, que se encontra em cima de uma mesa, e lhe desfere sete golpes. Ela(e) morre e ele termina na prisão.

O conto é narrado em terceira pessoa por um narrador onisciente intruso que emite juízos, faz antecipações e dosa a sua prosa com leves pitadas de ironia, como nos trechos a seguir: “Convencido, foi impossível de o demover da sua louca decisão de levar *aquela coisa esquisita* para uma boate” (MONTEIRO, 2009, p. 41, grifos nossos); “Homem ou mulher, *mais cedo ou mais tarde, todas as dúvidas haveriam de se dissipar*” (MONTEIRO, 2009, p. 42, grifos nossos); “[...] esse homem que, *naturalmente, a seus olhos, sempre a respeitou*, resolveu trocá-la por um paneleiro sem vergonha, estanhada e bandida” (MONTEIRO, 2009, p.48, grifos nossos). Esta particularidade do conto é fundamental para todo o desenlace do enredo, pois as incursões do narrador vão direcionando as ações e os sentidos da narrativa, como no caso da apresentação de Linda ao leitor:

Um indivíduo alto mais de um metro e oitenta – magro, de peito chato, onde estavam duas coisas que não se sabia se tinham um definitivo e eterno greve de crescimento ou se, antes, fazia de algo que cresceu de forma aberrante ou contranatura, de todo o modo absolutamente indefinido. Essa coisa não tinha a cintura muito apertada, e as pernas longas, se não eram as roliças pernas de Djudja, também não eram as de Eusébio. Bem, os traseiros que os calções apertados salientavam nem tinham a flacidez das cadeiras das pixinguinhas nem a dureza do rabo dos homens. Até o rosto era uma incógnita: não tinha os traços característicos da face mascu-

lina nem as delicadezas femininas – era o rosto dos atletas de resistência. Enfim, aquilo que, diante dos dois amigos, esperava pelo dinheiro do vinho, muito dificilmente podia ser enquadrado em qualquer dos sexos. Não que fosse assexuado, que isso também não dava para verificar, positiva ou negativamente. Era difícil dizer que aquela coisa era macho ou fêmea, se era homem ou mulher. Podia partir, perante tão rotunda dúvida, para um arriscado macho-fêmea, mas os gestos adamados e o penteado inequivocamente feminino, por um lado, e o corpo, sobretudo, as canelas compridas, só equivocadamente femininas, sustinham uma decisão em qualquer sentido. (MONTEIRO, 2009, p. 40-41).

A história é narrada seguindo o estilo dos tradicionais contadores de histórias. Monteiro, o autor, é um contador de histórias na acepção benjaminiana do termo, talvez devido à sua vivência de jornalista e de observador das cenas da sua cidade e seu país. Em alguns trechos, comparece a mistura do léxico e expressões crioulas com a língua portuguesa, recurso que confere à narrativa um tom mais próximo da oralidade, como se de fato o leitor estivesse escutando um causo, como no trecho a seguir:

Não encontraram nenhuma bebida forte. Como na falta de peixe, come-se caranguejo, não fizeram cerimônias e atacaram a garrafa do Dom Simon, meio gelada que a mãe do amigo servia, na varanda daquele espaço aberto, debruçado sobre Fazenda, era um irrecusável convite. Depois de esgotada a segunda garrafa, com a ajuda do Manu e mais alguns trocados da irmã, Jojó mandou buscar mais dois bacos de produto doméstico. E foi então que surgiu o mistério. (MONTEIRO, 2009, p. 40).

O discurso indireto livre difusamente usado no conto é uma forma expressiva que permite ao narrador apresentar as reações e os estados de espírito das personagens, ao mesmo tempo em que as marcas de oralidade deixam a narração mais fluida como no exemplo a seguir:

Só Jojó ficou, ainda, um tempo na casa da irmã, queria certificar-se se a criatura iria mesmo sair com Manu, que, para ele, bebeu o diabo no vinho, *pois, onde já se viu por estas bandas homem com colhões atracar-se a um homem e sair por aí a exibi-lo como se fosse Madona ou outra raridade feminina. Só podia estar louco ou manco, mas sei, mouco mesmo.* (MONTEIRO, 2009, p. 42-43, grifos nossos).

Alguns episódios do conto se passam no âmbito privado, geralmente nas residências das personagens; outros, no âmbito público, como nos bares e nas ruas de Praia. A contemporaneidade do conto é atestada pelo uso de palavras e expressões de cunho coloquial e por referências a celebridades contemporâneas ligadas ao mundo do cinema e da música, tais como Madona (sic) e Meryl Streep: “Enfim, sábado é para comer água sem manha, ouvir música e dançar, se pintar uma garina, subir no cutelo.” (MONTEIRO, 2009, p. 39).

Neste conto, nota-se que as personagens prevalentemente masculinas apresentam características tradicionais da masculinidade hegemônica, como serem beberrões, mulherengos, provedores, homens casados que deixam a mulher e filhos em casa e se divertem em bares, geralmente acompanhados de outras mulheres. Porém, esta hegemonia é aparente, na medida em que, com suas atitudes mais discretas, as personagens prevalentemente femininas protagonizam as ações. Deste ponto de vista, temos Manu, que domina as cenas apenas aparentemente, pois se revela um verdadeiro simplório. Suas ações são movidas quase que única e exclusivamente por desejos e impulsos primitivos, de modo que seu papel de agente fica condicionado ao outro:

Aceitou, sem duvidar uma vírgula, as razões da são-vicentina. Assim como aceitou as condições, e justificações, para se encontrarem apenas a determinada hora do dia. E assim aconteceu, mas Manu, que não via mais como suste o desejo que sentia por Linda, insistia com ela na questão do sexo, queria experimentar uma menina de São Vicente, pois há dias, não tinha tido uma. (MONTEIRO, 2009, p. 46).

Da mesma forma ocorre quando a esposa descobre que seu marido está tendo um caso com um “homem” e Manu pensa que será ela a sair da casa, mas é surpreendido pela atitude da “legítima” de arrumar as coisas dele e lhe ordenar que saia, ao que ele cumpre sem réplicas, pois “tinha o cu tão apertado que nele nem cabia um grão de arroz” (MONTEIRO, 2009, p. 48).

Assim, a masculinidade hegemônica de Manu é minada durante toda a narrativa, e nem o fato de a “legítima” aparentemente não trabalhar para o seu sustento foi suficiente para demovê-la da ideia de separar-se do marido, que, por sua vez, apesar da rápida reconciliação arquitetada por seu amigo Jojó, tinha caído na armadilha de afeiçoar-se à(ao) amante (MONTEIRO, 2009, p. 46). Tal sentimento levaria Manu a infringir as regras consolidadas pela tradição e difundidas pela literatura masculinista, segundo as quais homem não pode chorar, não pode demonstrar seus sentimentos, não ser mulher ou homossexual, não amar as mulheres com a mesma intensidade com que as mulheres amam os homens, não ser fraco, covarde, perdedor e passivo nas relações sexuais; e, numa polaridade afirmativa, o homem deve: ser pai, corajoso, forte, heterossexual, macho, viril, provedor da família, autoconfiante, líder, etc., na constituição dos traços e papéis sociais (SILVA, 2006, p. 126). A infração de Manu, ao se afeiçoar a Linda, resultaria em desgraça no final do conto, pois ele não consegue deixar de manter seus encontros extraconjugais. É provável que a paixão, sentimento “feminino”, tenha sido a grande responsável pela tragédia final da história, pois, se Manu tivesse tratado Linda como fazia com todas as outras “píxinguinhas”<sup>4</sup>, estaria tudo resolvido, seria mais um caso sem consequências e tolerado pela esposa.

Linda, a outra protagonista do conto, é agente na narrativa. Ao contrário de Manu, suas ações são um reflexo de sua autoconsciência de

gênero e de identidade sexual, legitimada por meio de um discurso emprestado dos movimentos LGBTTs de matriz estadunidense, embora ela tenha claro o lugar de onde fala: a cidade da Praia, em Cabo Verde. O autor introduz no discurso de Linda algumas palavras em inglês para dar maior legitimidade ao que diz: “Não se identificando com sua natureza de homo, vive a sua sexualidade na clandestinidade, no subterrâneo, no *underground*” (MONTEIRO, 2009, p. 44).

A outra personagem é a esposa de Manu, tratada no conto simplesmente como a “legítima”. No plano da narrativa, representa o papel da esposa tradicional, encerrada eternamente em casa a cuidar dos filhos e do marido, enquanto é traída por este. Embora ela feche os olhos para as escapadelas de Manu, e pareça frágil, nos momentos decisivos é a sua vontade que impera, como no caso em que expulsa o marido de casa e também quando ordena que Manu vá buscar o dinheiro dado por ele à(ao) amante:

“Não perdeste nada, deste é àquela puta de São Vicente. Pensas que não sei que ela não está em São Vicente? Está é na Achada Grande, que eu vos vi. Vai buscar o dinheiro, antes que faça uma desgraça. Se não me deres o dinheiro, haverá morte. Morte!” (MONTEIRO, 2009, p. 49).

Mais uma vez Manu aparece como um “banana”, quando, “cheio de cagaço” (MONTEIRO, 2009, p. 50), tenta convencer a esposa de que não seria possível pedir a soma de volta, pois Linda se recusava a devolvê-la, motivando mais uma vez uma ordem resoluta e irreplicável da “legítima”: “Ou dinheiro ou morte” (MONTEIRO, 2009, p. 50). E, de fato, tal encruzilhada leva Manu a assassinar Linda, novamente movido pelo instinto – e, desta vez, de ódio, por ter sido traído e enganado em duas frentes diversas, expondo, uma vez mais, a sua falsa hegemonia.

Partindo do pressuposto de Butler, no qual a autora reitera, em várias de suas obras, a necessidade de que se refutem as definições estanques, porque a subjetividade deve permanecer fluida e precária para que se alcance uma eficácia política, temos, neste conto, a narração de uma história que, ao contrário dos ensinamentos da filósofa, prima em apresentar a trama dentro de uma lógica racional e racionalista de definições usada para dar possibilidade de existência ao sujeito de maneira geral, e, neste caso em particular, a Linda. Dividiremos o conto a fim de identificar parte deste discurso em algumas situações presentes na trama.

Situação 1 – O narrador é o contador da história e se encarrega de introduzir a protagonista, Linda, fazendo sua apresentação, conforme já visto neste trabalho, baseando-se nos preceitos daquilo que poderíamos chamar de senso comum, no qual prevalece o pensamento binário e excludente: ou macho ou fêmea, ou hétero ou homo, ou natural ou contranatura. Dentro de um discurso que podemos chamar de lógico, o narrador aponta para todas as características normativas exteriores de cada sexo, masculino ou feminino, com as quais poderia classificar Linda. Porém, apesar de

todas as suas observações, “naturalmente” não “achou resposta imediata” (MONTEIRO, 2009, p. 41). Insistindo em chamar Linda de “aquilo”, “coisa”, “criatura de sexo ambíguo”, e até mesmo “anjo”, o narrador pondera que o “Homem tem essa capacidade de acreditar no que quiser, mesmo quando as evidências são gritantes”; mas considera que, de qualquer forma, “Homem ou mulher, mais cedo ou mais tarde, todas as dúvidas haveriam de se dissipar” (MONTEIRO, 2009, p. 42). Da mesma maneira, a dúvida instala-se entre os amigos Jojó e Manu, que, embora sem o requinte de observações feitas pelo narrador, passam a defender teses opostas.

Situação 2 – Monólogo de Linda justificando o motivo pelo qual não iria ao encontro com Manu. Em linhas gerais, ela alega não ir porque “a malta da Praia não estava ainda preparada” (MONTEIRO, 2009, p. 43), diferentemente da de São Vicente, onde

[...] as pessoas não ligavam nenhuma, cada qual fazia a vida que quisesse, ninguém se preocupava – cada um era livre para gozar e levar a sua vida da forma que entendesse. Na Praia não. Mal uma pessoa põe os pés fora de casa, aparece um estafermo qualquer a infernizar-nos, como se a gente fosse cachorro, como se não fôssemos gente e com direitos. (MONTEIRO, 2009, p. 43).

Esta afirmação de Linda é corroborada pela caracterização da cidade de São Vicente registrada no romance *O testamento do Sr. Napumoceno*, do também escritor cabo-verdiano Germano Almeida, no qual se lê “ser ela [a cidade de São Vicente] uma terra de perdição, uma espécie de Sodoma e Gomorra” (ALMEIDA, 2006, p. 85). Embora o romance de Almeida – cujo enredo se passa entre os anos 40 e os primeiros anos da independência do país, em 1975 – não seja objeto de análise deste trabalho, o referido excerto é um atestado de que, naquele momento histórico, ou seja, durante o período colonial, a Ilha de São Vicente já gozava da liberdade reclamada por Linda.

Na continuação do monólogo, a indefinida personagem defenderá seu *status* de pessoa humana com direito à existência, invocando primeiramente o poder da lei: “A Constituição é que manda e todos deviam respeitar aquilo que a Constituição diz. Todos iguais, todos diferentes. Cada um é o que é.” (MONTEIRO, 2009, p. 43). Vale ressaltar que a Constituição de Cabo Verde, de 1992, não discrimina e muito menos criminaliza a orientação sexual de seus habitantes. Num segundo momento, Linda invoca o poder divino: “É a força da vontade divina, porque tudo o que se move sobre a face da Terra, move-se pela exclusiva vontade de Deus. Não tolerar-nos é não tolerar a vontade de Deus” (MONTEIRO, 2009, p. 43).

Dentro do seu discurso lógico, a protagonista tem razão quando justifica e reclama seu direito à existência, e, ao fazê-lo, invoca dois poderes que dão sustentação à sociedade; porém, esses poderes, na prática, se mostram frágeis, contraditórios e insuficientes, pois não dão conta de fazê-la existir sem problemas e constrangimentos na sua vida cotidiana.

Apesar de não existir nada na lei de seu país que a discrimine diretamente, Linda não escapa da praxe cotidiana de discriminação e violência à margem da lei, pois uma legislação que não discrimina a orientação sexual pode não ser suficiente para garantir a dignidade de uma pessoa com identidades não normativas quando a cultura popular, fortemente impregnada pela ideia de masculinidade hegemônica ancestral, refuta a efeminação da masculinidade.

Ainda na situação 2, Linda fica furiosa com Jojó, quando este lhe pergunta se ela era um “paneiro”<sup>7</sup>. Ela responde ao “insulto” com argumentos baseados nos seus conhecimentos sobre movimentos LGBTTs de matriz estadunidense, criando uma espécie de pirâmide na qual classifica, de acordo com seu juízo de valores, os “melhores” e os “piores” da espécie homo. Segundo Linda, na base da pirâmide estariam os “paneiros” porque estes não assumem a sua condição, vivem “a sua sexualidade na clandestinidade” (MONTEIRO, 2009, p. 44); depois viriam os gays, porque estes assumem a sua condição de homo, “mas não atinge(m) a plenitude”, pois se apresentam à maneira do sexo masculino e em suas palavras são “homo ainda envergonhado” (MONTEIRO, 2009, p. 44); na sequência, o homo total, ou seja, aquele que exterioriza a sua condição e não rejeita a sua sexualidade. Na classificação de Linda, seria o travesti a ocupar a parte superior dessa suposta pirâmide, porque este assume a sua feminilidade. Ela argumenta, ainda, não ser uma terceira via, “a via de nem homem nem mulher: sou mulher, mas uma mulher como qualquer outra” (MONTEIRO, 2009, p. 44-45). Porque a única coisa que tem de “errado” é o sexo biológico, de resto é mulher. Neste momento, então, Jojó pergunta se ela tem a “coisa” e obtém como resposta que um travesti verdadeiro “nunca tem o sexo do macho” (MONTEIRO, 2009, p. 45), argumentando que não é a “coisa” dela que a define.

Ao criar uma espécie de pirâmide na qual se coloca no topo pelo fato de se definir como um “travesti verdadeiro”, Linda expõe a ineficiência e o desserviço que as taxonomias, as catalogações e as hierarquizações criam no mundo das identidades. O excesso de racionalização e de lógica acabou por criar em seu discurso mais uma forma não de ordenamento, mas de discriminação, onde uns, apesar de terem direito à existência, são mais desprezíveis que outros. Neste caso, ela mesma se apresenta como vetora de preconceitos e discriminações para poder legitimar-se, usando a mesma fórmula heteronormativa excludente que, em tese, ela não defende.

Situação 3 – No momento em que Linda é constrangida por Manu a devolver-lhe o dinheiro que lhe fora dado de presente, revela ao amante não se tratar de uma mulher e nem tampouco de um “travesti verdadeiro” nos moldes do pensamento corrente e também no exposto por ela, no qual um travesti pode interessar-se sexualmente somente pelo ser do mesmo sexo biológico. No caso dela(e), se interessava pelos dois: pelos homens, para ganhar dinheiro e gozo, e pelas mulheres, pelo prazer de poder cornear machos que se creem seguros ao deixarem suas mulheres com outra

“mulher” como empregada, sem descartar o prazer carnal. Além disso, revela travestir-se como disfarce, sendo esse o único momento do conto em que ela(e) refere a si no masculino: “Nem *morto*, naisse” (MONTEIRO, 2009, p. 51, grifo nosso).

Situação 4 – Manu mata Linda(o) e o narrador conclui a história da seguinte forma:

Linda numa poça de sangue, os olhos esbugalhados a olharem para nada. Não mais se faria de mulher, não mais enganaria maridos bem intencionados, não mais ultrajaria homens encantados, não mais trairia os travestis verdadeiros, os gays e os paneleiros de todo mundo.

Naturalmente que Manu pagou pelo que fez. Porque ninguém pode matar um ser humano e ficar impune. Apesar da sua esquisitice, apesar da sua condição e dos seus actos abomináveis e condenáveis. Linda – ou Lindo! – Não deixava de ser um ser humano, um ser humano com iguais direitos. Diferente mas igual aos outros. (MONTEIRO, 2009, p. 52).

A trama se estrutura no emprego de um raciocínio lógico presente nas falas do narrador e das personagens na tentativa de “engaiolar” a identidade sexual, de gênero e de orientação sexual de Linda dentro de algo que seja aceitável e já conhecido, que justifique a sua inserção no conjunto de seres humanos com direito à existência plena. Porém, o fato é que, depois de tantas explicações, classificações e catalogações, chegamos ao final do conto sem termos certeza das identidades da personagem, e, mais do que isso, a indefinição contribuiu decisivamente para o desenlace da história. Tal desfecho nos faz pensar em como os debates e as reflexões acerca das identidades característicos do pensamento ocidental – que busca estabelecer conceitos através da verificação da sua correspondência com a realidade, assentando-se em uma suposta racionalidade – na prática ainda não foram suficientes para a resolução de tais questões. Desse ponto de vista, a filósofa política italiana Flavia Monceri sugere que devemos afirmar, sem meias palavras, que a identidade não existe, pois, por mais que a possamos pensar de modo fluido, “nunca será capaz de reespelhar, representar e definitivamente exaurir as infinitas diferenças que gostaríamos de reconduzir à unidade”<sup>8</sup>, através de nomenclaturas como identidades “líquidas”, “híbridas”, “mestiças”, “rizomáticas” e tantas outras. (MONCERI, 2010, p.22).

Se as identidades de sexo, gênero e orientação sexual não existem efetivamente, como defende a filósofa supracitada, o fato é que na prática cotidiana todos nós nos defrontamos, a partir do encontro com o outro, com a inevitável necessidade da (auto)identificação e, até por uma questão de economia, tendemos a reduzir aquilo que nos é desconhecido a códigos mais simples. Dessa forma, a estrutura binária de macho ou fêmea, hétero ou homo, por exemplo, entra em ação para tornar, o mais rápido possível, o desconhecido compreensível, mesmo que essas reduções não consigam

traduzir a complexidade de cada indivíduo. E é isto que está posto logo na apresentação de Linda pelo narrador: o código binário não funciona com ela, e daí nasce o “mistério” (MONTEIRO, 2009, p. 40).

Linda, por sua vez, também não consegue definir-se nos termos esperados pelo seu interlocutor; e, com seu discurso muito atualizado – como salienta Jojó, ao dizer “Poxa! Ele leu tudo sobre o homossexualismo” (MONTEIRO, 2009, p. 45) –, consegue somente elaborar mais um emaranhado de nomenclaturas e hierarquizações. Dessa forma, demonstra-se mais uma vez como tais identificações são culturalmente construídas, nos mesmos moldes do sistema binário macho/fêmea, hétero/homo, estereótipos também generalizantes que permitem situar de modo mais ou menos unívoco os indivíduos. Linda se baseia neste sistema de estereótipos já existente para classificar os seres homo, sendo mais valorizados por ela aqueles que se colocam menos próximos da ambiguidade, ou seja, aqueles sobre os quais não restam dúvidas sobre o papel que querem assumir – no caso, as “travestis verdadeiras”, que são, segundo sua lógica, mulheres que por um “mero acidente genético, um erro da cibernética” (MONTEIRO, 2009, p.45), nasceram com o sexo masculino, deixando entender a seu interlocutor, mesmo que sub-repticiamente, tratar-se biologicamente de um homem com um comportamento única e exclusivamente passivo nas suas relações.

Judith Butler (2003) nos mostra que as performatividades normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas, baseando-se no fato de que a diferença de sexo e gênero é produto de um contrato social centrado na heteronormatividade. Tanto Linda quanto o narrador, cada qual com suas especificidades, constroem seus discursos tendo em vista uma visão de mundo tida como “normal”, ou seja, a de que na natureza existe o dimorfismo sexual: ou se nasce macho ou se nasce fêmea, e, conseqüentemente, cada qual assume o seu papel social de homem ou de mulher, respectivamente. Se, por um acaso, encontramos na mesma natureza sujeitos intersexo ou hermafroditas, ou aquele(a) que, apesar de nascer com um sexo biológico, se identifica com o outro gênero, tal fato é classificado como um “erro”, um “acidente genético”, como disse Linda.

O narrador, por sua vez, lança mão do conceito de contranatura, ou seja, algo que existe mas que não está de acordo com as regras da natureza, para reforçar a ideia de que “a moça” tinha características exteriores ambíguas que ao mesmo tempo a afastavam e a aproximavam de ambos os sexos normativos. Tal conceito não é usado aleatoriamente, pois o “natural” é associado ao normal e ao moralmente aceitável. Para este nosso recorte, longe de discutir a estabilidade e a universalidade do conceito de “Natureza” (que sabemos ser instável e não universal), interessa ter claro que, se “a natureza é definida como normalidade – isto é, como uma espécie de regularidades empíricas –, esta não define nada mais do que uma predominância do tipo estatística” (POLLO, 2008, p. 50). Assim, ser ou não ser “normal” não faz a menor diferença, visto que tanto a natura quan-

to a normalidade podem e são transgredidas de algum modo, ou melhor, “rigorosamente falando, sermos completamente normais é impossível”<sup>10</sup> (WARNER apud MONCERI, 2010, p. 36). A diferença se faz, porém, na medida em que aquilo que é definido como natural e normal também é considerado moralmente bom, ou seja, abarca um juízo positivo, e assim, em linhas gerais, os indivíduos buscam se aproximar o máximo possível deste estereótipo normal para que não sejam discriminados no grupo.

Como os conceitos de normalidade e de natureza variam no espaço e no tempo, a “normalidade precisa elaborar, além do catálogo dos normais, aquele dos anormais”, o que comporta também a necessidade de “elaborar estratégias de minimização de seu impacto, caso não seja possível tentar a operação de recondução a um standard aceitável”<sup>11</sup> (MONCERI, 2010, p. 37, grifos da autora). Quando propõe a sua catalogação, Linda nada mais faz do que elaborar uma estratégia de sobrevivência dentro de um contexto hostil, a cidade da Praia, no qual ela é obrigada a interagir com outros, principalmente para levar a cabo seus pequenos “golpes”. De qualquer forma, mesmo reconhecendo essa necessidade da personagem, sua fala lança luz sobre o fato de que todas as nomenclaturas, catalogações e hierarquizações são artificialmente construídas, servindo somente para a perpetuação de um “nós” e um “eles”, mesmo, paradoxalmente, dentro da categoria dos “anormais”, nos quais uns se tornam mais aceitáveis que os outros.

O conto de Monteiro aponta para a necessidade de superarmos as estruturas dicotômicas, estejam elas dentro ou fora das identidades consideradas desviantes. E os estudos *queer* e *transgender*, já percebendo a ineficiência dos estudos gays e lésbicos tradicionais (que ainda se negam a colocar em discussão as dicotomias hétero/homo, macho/fêmea), propõem exatamente a necessidade de desconstruir as identidades, sejam elas de sexo, de gênero ou de orientação sexual, como identificações, pelo fato de serem incapazes “de exaurir as infinitas diferenças que podem ser encontradas a nível individual”<sup>12</sup> (MONCERI, 2010, p. 44). Neste sentido, a filósofa italiana alega sentir-se mais alinhada com aqueles “que começam diretamente a excluir o termo gênero, limitando-se a falar de pessoas”, e ressalta que o melhor é falar “de indivíduos trans”, ou seja, aqueles que superaram a estrutura dicotômica e que se abrem em busca de novas possibilidades de “ocorrência, manifestação, expressão, apresentação e representação da diversidade individual”<sup>13</sup> (MONCERI, 2010, p. 70).

De certo modo, essa visão de Monceri foi constatada pelo antropólogo Francisco Paulo Vieira Miguel no seu estudo “Levam má bô: (homo)sexualidade entre os *sampadjudus* da Ilha de São Vicente de Cabo Verde” (2014). Corroborando com a informação de Linda de que na sua cidade natal podia sair às ruas sem ser incomodada, Miguel nos informa algo ainda mais revelador. O antropólogo afirma que “a fluidez das categorias de identidade sexual como ‘homossexual’, ‘bissexual’, ‘gay’ etc parecem não mais corresponder às expectativas identitárias dos sujeitos pesquisa-

dos”, o que acarretou, entre outras consequências, “uma falência relativa do movimento LGBT local” (MIGUEL, 2014, p. 82). A tendência na ilha é de as pessoas relacionarem a identificação à nacionalidade cabo-verdiana, que lhes confere direitos e deveres como a qualquer cidadão do país, independentemente da orientação sexual, e lhes permite atuar politicamente em conjunto com toda sociedade e por questões de interesse geral e não sectário, já que os indivíduos não se sentem discriminados ou ameaçados, ao contrário do que acontece em outras cidades do país – como na Praia. Lá, segundo José Manuel Veiga Miranda, um antropólogo cabo-verdiano citado por Miguel, somente o fato de um homem colocar as mãos nas nádegas de outro homem é motivo para morte (MIRANDA, 2013, p. 34 apud MIGUEL, 2014, p. 40).

Essas observações dos antropólogos nos permitem compreender um pouco a personagem Linda, que, vinda de São Vicente, estava acostumada à fluidez do gênero. Trata-se de um sujeito muito mais próximo ao *queer*, no sentido de transitar de um sexo ao outro na sua vivência sexual, mas que, pelo fato de conhecer a mentalidade predominante, sabia da necessidade de usar subterfúgios, como se travestir de travesti, para levar mais facilmente a cabo seu plano de realização – tanto em termos de prazer (dormir com mulheres e homens) quanto em termos econômicos (tirar dinheiro dos homens desavisados, *panascos* como Manu). Travestir-se de travesti para poder explorar as possibilidades eróticas de seu desejo, de seu corpo e de seus interesses materiais nos parece ser o desconcerto maior da narrativa, pois se espera que a atuação de Linda esteja ligada exclusivamente à passividade, à feminilidade, haja vista que a personagem abre mão de sua masculinidade manifesta ao exibir-se com uma aparência feminina, o que a leva a sofrer perseguições e constrangimentos na cidade da Praia. Por outro lado, Linda também expõe a fluidez da masculinidade ao ressignificá-la através da construção de uma identidade baseada na sobreposição de valores e símbolos femininos que coabitam num corpo com falo e os valores a ele associados em uma sociedade patriarcal.

Isto posto, a moral vigente em Praia, aliada à ilusão do gênero – ou seja, à ideia de que um determinado sexo biológico pode somente corresponder a um determinado gênero e, conseqüentemente, a uma determinada orientação sexual, a fim de disciplinar os corpos de modo a torná-los menos “transgressivos” em relação à ordem política e social, como dito por Michel Foucault (1985) –, pode ter motivado o assassinato de Linda por Manu, visto que este devia preservar sua honra, mesmo porque, se voltasse para casa sem o dinheiro, sua esposa certamente o colocaria para fora novamente. A morte de Linda, neste contexto, não surpreende, pois, para o senso comum, no caso do conto de Monteiro, seria difícil Manu explicar como não conseguiu identificar o sexo biológico da(o) amante depois de tantas vezes dormirem juntos; por isso mesmo, o narrador socorre o protagonista ao apelar para a magia, dizendo que, morta, Linda não mais poderia ultrajar “homens encantados” (MONTEIRO, 2009, p. 52).

Novamente, temos o juízo proeminente do narrador, que, com sua visão binária, não consegue conceber a ideia de que Manu tenha se afeiçoado por uma mulher que não era propriamente uma mulher, sem conseguir fazer a distinção entre “o buraco de um homem e o buraco de uma mulher” (MONTEIRO, 2009, p. 51) – fato que muito contribuiu para a atitude do amante, que vê a sua masculinidade hegemônica abalada ao provavelmente se perguntar que homem era ele, que comia “gato por lebre” e pagava “o preço de coelho.” (MONTEIRO, 2009, p. 51).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALÓS, Anselmo Peres. Narrativas da sexualidade: pressupostos para uma poética *queer*. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v.18, nº 3, setembro/dezembro, 2010. p. 837-864.

ANJOS, José Carlos Gomes dos. Sexualidade juvenil de classes populares em Cabo Verde: os caminhos para a prostituição de jovens urbanas pobres. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v.13, nº 1, 2005. p. 163-177.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DE CABO VERDE – 1992. [https://www.google.com.br/?gws\\_rd=ssl#q=constitui%C3%A7%C3%A3o+de+Cabo+Verde](https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=constitui%C3%A7%C3%A3o+de+Cabo+Verde). Acesso em 15/08/2016).

DE LAURETIS, Teresa. A Tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 206-242, 1994.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I – A vontade do saber*. Trad. Maria Thereza da C. Albuquerque e J. A. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

LUGARINHO, Mário César. Agenciamentos de gênero nas literaturas africanas de língua portuguesa: um caso cabo-verdiano. In: *Do inefável ao afável – ensaios sobre sexualidade, gênero e estudos queer*. Manaus: UEA Edições, 2012. p. 75-98.

MIGUEL, Francisco Paolo Vieira. “Levam ma bó”: (homo)sexualidades na Ilha de São Vicente de Cabo Verde. [Dissertação de Mestrado em Antropologia Social.] Brasília: Universidade de Brasília, 2014. 200 fls.

MONCERI, Flavia. *Oltre l'identità sessuale – Teorie queer e corpi transgender*. Pisa: Edizioni ETS, 2010.

MONTEIRO, Fernando. *Na roda do sexo*. Cidade da Praia: Saco Edições, 2009.

POLLO, Simone. *La morale della natura*. Roma: Editori Laterza, 2008.

SILVA, Sérgio Gomes da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. In: *Psicologia, ciência e profissão*. Brasília, v.26, nº 1, 2006. p. 118-131.

SPÍNOLA, Danny. Fernando Monteiro. Uma escrita de vanguarda. In: *A Voz – Diário digital independente*. Cabo Verde, Caderno Cultura Literatura, 21 set. 2015. Disponível em [www.avoz.cv/cultura/fernando-monteiro-uma-escrita-de-vanguarda/](http://www.avoz.cv/cultura/fernando-monteiro-uma-escrita-de-vanguarda/) Acesso em 22 dez. 2015.

*Recebido para publicação em 27/11/2016*

*Aprovado em 23/03/2017*

## NOTAS

1 Mestre em Língua, Literatura e Cultura Italianas pelo Departamento de Letras Modernas da FFLCH/USP e doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP.

2 Em uma conferência na Universidade da Califórnia de Santa Cruz, em 1990, Teresa de Lauretis (1994) cunha a expressão *queer theory* para designar as práticas sexuais marginalizadas. Sua teoria contribuiu para a difusão de tais práticas no âmbito dos estudos feministas, introduzindo-nos aos sujeitos excêntricos, sujeitos outros, inapropriados e marginalizados que designam a posição do indivíduo não legitimado pelo discurso hegemônico.

3 Como lembra Judith Butler em “Problemas de gênero” (2003), a discussão sobre a abjeção é introduzida por Julia Kristeva na obra *The powers of horror* (1982). Apoiada em Kristeva, Butler esclarece que o “*abjeto* designa aquilo que foi expelido do corpo, descartado como excremento, tornado literalmente *Outro*. Parece uma expulsão de elementos estranhos, mas é precisamente através dessa expulsão que o estranho se estabelece. A construção do *não eu* como abjeto estabelece as fronteiras do corpo, que são também os primeiros contornos do sujeito”. (BUTLER, 2003, p. 190-191, grifos da autora).

4 Segundo José Carlos Gomes dos Anjos (2005, p. 165), pixinguinhas são “meninas que, estigmatizadas para o mercado matrimonial, se supõe estarem expostas a um mercado sexual extraconjugal e, portanto, imoral”.

5 A Constituição da República de Cabo Verde de 1992, na parte I, que trata dos princípios fundamentais, diz, no seu artigo 1º: 1. Cabo Verde é uma república soberana, unitária e democrática, que garante o respeito pela dignidade da pessoa humana e reconhece a inviolabilidade e inalienabilidade dos Direitos do Homem como fundamento de toda a comunidade humana, da paz e da justiça. 2. A República de Cabo Verde reconhece a igualdade de todos os cidadãos perante a lei, sem distinção de origem social ou situação econômica, raça, sexo, religião, convicções políticas ou ideológicas e condição social e assegura o pleno exercício por todos os cidadãos das liberdades fundamentais.

6 Provavelmente, Linda se refere às passagens bíblicas que falam da integração entre as Criaturas e o Criador, tal como em Timóteo IV:4-5: “Porque toda criatura de Deus é boa, e não há nada que rejeitar, sendo recebida com ações de graças. Porque pela palavra de Deus e pela oração é santificada”.

7 “Paneleiro” é sinônimo de homossexual masculino, *gay*.

8 “[...] perchè nessuna identità cristallizzata, per quanto fluida la si possa pensare, è mai davvero in grado di rispecchiare, rappresentare, e in definitiva esaurire le infinite differenze che vorrebbe ricondurre a unità” (MONCERI, 2010, p. 22). [Todas as traduções são nossas.]

9 “[...] se la natura è definita come normalità – cioè come una sorta di regolarità empirica – questa non definisce altro che una predominanza di tipo statistico” (POLLO, 2008, p. 50).

10 “Inoltre, rigorosamente parlando, essere completamente normale è impossibile” (WARNER apud MONCERI, 2010, p. 36).

11 “La normalità non è mai al sicuro, ed è perciò che oltre al catalogo dei ‘normali’ è necessario elaborarne uno degli ‘anormali’. [...] ciò comporta la necessità da un lato di compilare un catalogo delle anormalità, e dall’altro di elaborare strategie di minimizzazione del loro impatto nel caso in cui non sia possibile l’operazione di riconduzione a standard accettabili” (MONCERI, 2010, p. 37).

12 “[...] incapace di esaurire le infinite differenze che possono essere rintracciate al livello individuale” (MONCERI, 2010, p. 44).